

gt- Jasiner Graciela

## *NO HAY RELACIÓN SEXUAL Y EL FUEGO FREUDIANO*

Em 1958, Lacan dizia que Freud, esse burguês quieto de onde você vem, um homem de desejo, como um iniciado nos mistérios infinitos, nos legou um rio de fogo.

E mais de 20 anos depois, em 5 de janeiro de 1977, na Abertura da Seção Clínica, ele nos adverte que só uma clínica que questione a psicanálise e também os psicanalistas para fazê-los dar conta "do que há de perigoso em sua prática", ou seja, incerto, imprevisível e arriscado justificariam a existência de Freud.

E nessa fala, em ação, a professora francesa nos lembra um conceito fundamental da psicanálise, um mastro que orienta a direção da cura e ajuda o psicanalista a não se deixar hipnotizar pelo canto da sereia. Refiro-me ao "Inconsciente estruturado como linguagem", lógica da incompletude, que sem dúvida foi a porta de entrada para o famoso aforismo: o campo é freudiano e o inconsciente lacaniano.

Nesse campo freudiano do que arde, do aleatório e do enigmático, os analistas, como nos lembra Isidoro Vegh, lêem o litoral entre o saber e o gozo operatório que chamamos de leitura literal.

E nesse campo intervimos acompanhando quem nos pede ajuda, quem sofre, orientados a produzir um corte com o objetivo de fixar o corte com um gozo parasitário que retém o sujeito e o impede de avançar nos caminhos de seu desejo. Sempre que isso ocorrer na transferência, favorecendo a produção de uma nova linha, terá havido um ato do analista.

A ética da psicanálise não se refere à ética aristotélica do bem soberano, mas sim à ética espinosista do desejo. É disso que se trata a subversão do sujeito na clínica.

No entanto, o neurótico se entrega fantasmaticamente como objeto, para sustentar um Outro sem restrições, mas o Um completo, isto é, o Outro completo, nunca é obtido.

un iniciado en los infinitos misterios, nos legó un río de fuego.

Numa análise vamos descontando pedaços desse gozo sacrificial quase que à mão, tecendo uma teia de novos elos, oferecendo-nos discursivamente em diferentes posições nos diferentes tempos lógicos da transferência ao longo da experiência. A interpretação dos sonhos Traumdeutung onde Freud amassou seu inconsciente, nada mais é do que um campo de palavras. Horror da ferida inconsciente, narcísica, que as palavras engendram entre si, quase caprichosamente, o sujeito como efeito. Desde Saussure sabemos da arbitrariedade do significante e no último grande escrito de 1972 (Létourditt) aprendemos que não há relação sexual, ou seja, não há proporção ou complementaridade, não só entre os sexos, mas também entre significante e significado.

Não há relação sexual é uma questão lógica, que no sentido matemático indica que não há proporção. Uma plenitude jamais alcançada para o neurótico, uma operação nunca exata, cujo resultado é o número áureo. O número de ouro é um irracional menor que a unidade do que se fosse ao quadrado ao cubo etc e assim por diante até o infinito, nunca chegaria a um de qualquer maneira.

“O que se diz se esquece depois do que se diz no que se ouve”, indica que não há relação sexual entre o que se diz e o que se diz.

No entanto, às vezes a pressa ansiosa do analista, ou a busca desesperada de razões, como Bion gostava de chamá-la, acelera a significação.

No real da nossa prática não há relação sexual, ele nomeia um ponto no horizonte que orienta a direção da cura. Quais são as consequências, como essa ideia opera na tessitura do nosso trabalho?

Não há Outro não castrado e não há relação sexual, eles têm um estatuto ético: ambos visam o desejo.

Aquele jovem médico, filho de um pai que duvidava um dia poder igualar seu sucesso como cirurgião, consultou com grande angústia, mortificado, disse ele, depois de anos em uma análise anterior que lhe interpretou que seu interesse pela cirurgia estava enraizado na luta edipiana com o pai.

Ler o Édipo em sua dimensão imaginária não é o mesmo que uma leitura simbólica:  
para ter é preciso deixar de ser.

Foi numa sessão em que trabalhávamos a dor e o desgosto de situar essas questões  
em que errei ao ouvir.

Naquele dia, diante de um Congresso ao qual o jovem hesitava em comparecer, ele  
disse angustiado:

- Devo fazer a viagem ou não?

- A vez...? perguntei-lhe.

- Vez? ele perguntou surpreso

O silêncio de ambos se prolongou... foi um silêncio que o acompanhou.

- No sábado levei minha filha para velejar, mas eu estava em outro... Fiquei aflito com  
essa confusão com o velho... ele depois associou. Meu velho insiste em não me  
passar as milhas

- Talvez, para a passagem de filho a pai, tenha que perder as milhas do pai... eu disse  
Mais uma vez o som do silêncio em sua profundidade habitou entre nós.

Na sessão seguinte conta aliviado:

- Ontem à noite entrei no despegar.com

- Hora de decolar... comente

A cada dia, a cada paciente, a chama podia se renovar, no sulco que Freud nos legou.

Obrigado